Representações da homoafetividade no conto "Brokeback Mountain": (contra)dicções relevantes

José Raymundo Lins Jr.[1]

Resumo: Neste artigo faço uma análise da representação da homoafetividade no conto "Brokeback Mountain", de Annie Proulx (2005), a partir da teoria da sexualidade proposta por Freud (1996) e dos conceitos de representação oferecidos pela Transitividade da Gramática sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e pela psicologia social de Moscovici (1998; 2005). Minha análise demonstra que o discurso que representa a homoafetividade nesta obra literária pode, ao mesmo tempo, reforçar modelos de comportamentos socais que tendam a reduzir uma relação homoafetiva aos padrões heteronormativos impostos pela dicotomia masculino/feminino, mas também propor rupturas com estes padrões, levando a entender que a sexualidade humana não se restringe ao determinismo biológico do sexo.

Palavras-chave: Homoafetividade. Representação. Freud. Transitividade.

INTRODUÇÃO

Analiso a representação da relação afetiva entre dois *cowboys* do oeste americano, no conto "Brokeback Mountain", de Annie Proulx (2005); este artigo objetiva mostrar como a linguagem

[1] Mestre em Linguística Aplicada pela UECE. Professor Assistente na Universidade Estadual Vale do Acaraú . Coordena um Grupo de Estudo em Sexualidade: Representações na Literatura e no Cinema, na UECE. E-mail: linsjr2000@hotmail.com

Revista Língua & Literatura	Fredererico Westphalen	v. 15	n. 24	p. 73 - 100	Recebido em: 18 maio 2013. Aprovado em: 24 jul. 2013

tem uma natureza efetivamente representacional, sem, entretanto, cair no sentido representacionista adotado pela filosofia transcendental. Em outras palavras, a representação é uma atividade linguística que pode tanto fortalecer estruturas sociais institucionalizadas como fornecer novas possibilidades para tais estruturas. É verdade que Freud se utiliza da literatura para construir muitos de seus conceitos psicanalíticos, é também verdade que a crítica literária psicanalítica propõe alternativas para se compreender a conexão entre autor e obra: os motivos que o levam a escrever sobre as coisas, e sobre como essas coisas são escritas. No entanto, o objetivo deste trabalho é priorizar a 'primeira[2]' grande revolução sexual que Freud (ano) traz à sociedade, no início do século XX – e que me parece retomar à história da sexualidade humana, num período bem anterior à cristianização do Ocidente. Justifica-se portanto, o uso do termo '(contra)dicções' apresentado no título como as várias articulações que a palavra pode promover nas práticas sociais.

1 A HOMOAFETIVIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA

A questão da sexualidade humana é particularmente complexa devido à multiplicidade de fenômenos que a perpassam. Deixou de ser uma questão da qual se preocupava, prioritariamente, a Medicina (e suas ciências correlatas) e passou a ser debatida, também, pela Sociologia, pela Antropologia, pela Política, pela Religião, pelo Direito, dentre tantas outras áreas do saber humano que têm algo a dizer sobre o assunto.

Para Foucault (1999), a sexualidade é vista como corpo do poder – dispositivos que controlam os desejos a fim de obter uma descendência sadia, prática iniciada no começo da Idade Moderna e amplamente difundida na Época Vitoriana. Apesar da rigidez da época, surgiram novos discursos sobre a sexualidade e, com a mesma intensidade, incentivaram o que queriam controlar: o desejo. A tentativa foucaltiana de compreender a sexualidade como poder e desejo se articula e o leva a pensar na história da sexualidade como uma história dos discursos, que explica como

[2] Refiro-me, aqui, a uma ordem cronológica, pensando nos movimentos que se seguem à Segunda Guerra Mundial: a Geração Beat, na literatura americana (1950's) e o Festival de Woodstock (1969).

a heteronormatividade vai-se infiltrando nas sociedades que hoje existem. E,

> dizendo poder, não quero significar 'o poder', como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado [mas] como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (Foucault, 1999, p. 88-89).

É sabido que a homoafetividade nunca foi uma norma social, mas, segundo Greenberg (1988, p. 1-21), historiadores e pesquisadores do comportamento sexual em outras culturas – passadas e presentes – descobriram, poucas vezes, a desaprovação social, legal, moral ou religiosa deste comportamento, comum em tantas eras da história ocidental. Essa desaprovação nos leva a entender que antes da "aceitação generalizada das normas sexuais judaicas, cristãs e islâmicas [muitas sociedades] parecia[m] mostrar pouco ou nenhum interesse" (NAPHY, 2006, p. 16) nesse comportamento.

No Oriente Médio, "as pessoas seguiam o exemplo dos seus deuses e deusas" (NAPHY, 2006, p. 21) e as práticas sexuais não-heteronormativas acabavam sendo vistas com permissividade, resguardando-se os locais e ocasiões destas práticas. Entre os deuses, não importava o sexo de seu(s) parceiro(s), mas as qualidades que este(s) lhes despertava(m). Como explica o historiador Sussman (*apud* NAPHY, 2006, p. 21), "os prostitutos e as prostitutas, servindo temporária ou permanentemente, e praticando atividades heterossexuais, orais-genitais, homossexuais, bestiais e de outros tipos, ofereciam os seus préstimos em nome do templo".

É óbvio que estes 'préstimos' de ordem sexual efetivavam-se em relações homo e heteroafetivas, tais como as entre os deuses; a opção do sexo do parceiro era uma questão de atração, de desejo. A importância era dada aos papéis assumidos no ato e não àqueles

que os praticavam.

Na Índia, os deuses "mostravam uma grande disposição para amar e ter relações sexuais com vários indivíduos, independentemente do seu sexo" (NAPHY, 2006, p. 30). Nesta cultura, os casamentos tinham a função socioeconômica de estreitar os laços entre famílias, através da procriação. O máximo que se esperava dos cônjuges era "que com o tempo passassem a estimar-se e a sentir afeto um pelo outro [visto que] podiam amar (e ter relações sexuais) com quem quisessem desde que não interferisse [na] procriação, educação e herança dos filhos" (NAPHY, 2006, p. 32).

Vemos, aqui, de maneira mais clara, que a sexualidade toma dimensões mais abrangentes na cultura indiana, pois fala em atração emocional e sexual. O componente afetivo torna-se visível nas relações sexuais. Os laços de amizade e de companheirismo são reforçados; o conceito de fidelidade – tal qual o conhecemos hoje em dia – ainda não tinha sido formulado. Naphy (2006, p. 45) ressalta que "a cultura indiana [...] parece mais interessada na emoção e no amor do que na mecânica da procriação".

A cultura chinesa, sobretudo na dinastia *Zhou* (1122-1027 a. C.), via o sexo não apenas com fins de procriação mas, também, como instrumento de prazer. Assim como na Índia, "os casais tinham liberdade para exprimir seu amor e romantismo noutras relações, pouco ou nada se importando com o gênero do parceiro" (NAPHY, 2006, p. 33), embora os papéis de ativo e passivo estivessem vinculados ao maior e menor prestígio social, respectivamente – fato que, como se pode observar, é comum nos atos sexuais homoafetivos das culturas orientais.

Na Grécia, a homoafetividade não era considerada um entrave à boa ordem militar. Pelo contrário, consideravam-na uma virtude e uma força no campo de batalha. Sobre a relação de afetividade entre os soldados gregos, "os homens da mesma tribo ou família pouco se prezam quando o perigo aperta; mas um grupo cimentado pela amizade baseada no amor nunca se desfaz e é invencível; pois os amantes, com vergonha de agir com desonra à vista dos amados, e os amados diante dos amantes, se precipitam livremente para o perigo em defesa um dos outros" (PLUTARCO *apud* NAPHY, 2006, p. 57).

A pederastia[3] fazia parte da vida cotidiana e relacionava-se com a formação da cidadania do jovem ateniense. Naphy (2006) cita, inclusive, que, na maioria das vezes, essa relação estreitava os laços familiares, assim como o casamento, pois o amante mais velho era escolhido pela família do efebo[4]. Williams (1999) é mais explícito ao afirmar que, para Sócrates (469-399), o sexo heteroafetivo tinha a única função de procriação, enquanto as relações homoafetivas deveriam ser preservadas na cultura grega. Estas relações baseavam-se na amizade e nos laços de amor com homens mais velhos, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos filosóficos. O ato sexual – e com ele a possibilidade de assumir o papel passivo – vinha após os 12 anos, desde que o garoto (e a família) concordasse(m), e durava até tornar-se adulto[5]. Por volta dos 25 anos, o jovem deixava de ser um efebo e já podia assumir o papel ativo numa relação. Percebe-se, mais uma vez, que o papel sexual ativo relaciona-se com a questão de 'poder', nada tendo a ver com a questão do gênero (mesmo não sendo o ato sexual uma prática frequente e de maior importância na relação). Assim, o que caracteriza, efetivamente, a pederastia na Antiguidade Clássica são os laços afetivos entre o jovem e seu amante e não a prática sexual propriamente dita.

As influências da Grécia sobre Roma não foram tão significativas a ponto de tornar a pederastia uma prática legal. Williams (1999) afirma que os romanos não concebiam a ideia de serem penetrados – dado o seu poder de sodomizar a tudo e a todos, mas isto não os privava da relação sexual com outro homem (geralmente prostitutos ou escravos), desde que fossem o parceiro ativo, assim como seu Império o era em comparação ao resto do mundo. Trata-se, para Richlin (1993), de uma questão identitária nacional, onde Roma se mantinha ativa em relação a um império passivo, pois foi provavelmente construída no século II a.C., sob o governo de Lucílio, através da dicotomia 'papel ativo/virilidade/poder' versus 'papel passivo/não-virilidade/submissão'. Dessa

[3] Chamo a atenção para o fato de que não devemos aplicar a carga semântica pejorativa que esta palavra adquiriu com a tradição judaico-cristã.

[4] Jovem grego, geralmente entre os 16-20 anos, com características viris ainda não definidas.

[5] Esta data me parece imprecisa, pois, nas referências deste trabalho, o ato sexual passivo se estendia até os 18 anos (NAPHY, 2006), os 22 anos (WILLIANS, 1999), e, em outras fontes que não traziam as referências de pesquisa, chegava aos 25 anos, quando se tornavam adultos. Isso justifica a imprecisão que inicia a oração seguinte.

forma, a ideia de um romano passivo implicaria numa traição à posição de dominação e superioridade de todos os romanos.

Como resultado de uma prática não permissiva, mas aceitável – sob determinada circunstância (o de ser sempre o dominante) –, a cultura romana nos deixou os grandes escândalos de seus imperadores entre o "fim da República e início do Império" (NAPHY, 2006, p. 60). Acima de tudo, "os romanos, como os gregos, não dividiam os atos sexuais em homossexuais (maus) versus heterossexuais (bons)" (NAPHY, 2006, p. 63).

O advento do Judaísmo foi um divisor de águas para a história da homoafetividade, pois o Deus de Israel, diferentemente dos deuses de outras culturas, embora não mantivesse relações sexuais, deixou clara a função do sexo nas relações humanas: "Deus os abençoou [ao homem e à mulher que tinha criado] e lhes disse: 'Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a" (Gên. 1:28)[6]. A Lei Mosaica realça a posição de submissão da mulher na dimensão tanto da sexualidade quanto do gênero[7].

Até início do século IV d. C., o Judaísmo teve de conviver com a literatura e a filosofia clássicas que, embora defendessem a heteroafetividade como necessária à continuidade da espécie, qualificavam a relação homoafetiva como sinais de civilidade e requinte. Para Williams (1999), é a partir do século IV d.C., com a conversão do Imperador Romano Constantino (272-337), que o Cristianismo começa a sua expansão através do maior império que o mundo já teve conhecimento. O sexo, antes atividade procriadora e prazenteira, perdeu esta última conotação, tornando as relações homoafetivas 'antinaturais'. Fica claro, então, o processo de naturalização construído em torno das relações heteroafetivas – o 'aceito' – e a discriminação das relações homoafetivas – o 'execrável'.

No século XII, a situação fica ainda mais drástica, quando qualquer relação sexual não procriadora implicava a acusação de 'comportamento animal'. A Igreja utilizou-se do comportamento animal para condenar a relação anal dizendo que "o homem em cima e face a face à mulher era a única posição aceitável porque não se assemelhava à dos animais" (NAPHY, 2006, p. 75). Isso

[6] As citações bíblicas foram extraídas de A Bíblia de Jerusalém (2001).

[7] Gênesis: 2:23 e Gênesis: 3:16-17

colocou as relações homoafetivas (e todas não procriativas) como atos bestiais e permitiu ao Cristianismo legitimizar (THOMPSON, 1995)[8] um determinado tipo de ato sexual, colocando qualquer outro na posição oposta, como não-legítimo, e, consequentemente, imoral para os valores de quem o instituiu.

O final da Idade Média se mostra um período turbulento para a questão sexual. Até o final do século XV, a prostituição era legalizada; os bordeis ou banhos públicos eram "sancionados, regulamentados e taxados pelo governo da cidade [e] as prostitutas eram consideradas alternativa aceitável" (NAPHY, 2006, p. 105) para evitar a violação de moças e rapazes respeitáveis por indivíduos de classes mais baixas (que, segundo norma social, só poderiam se casar após os 30 anos – período em que se tornavam mestres em seus ofícios). Entre 1347 e 1351, a Peste Negra assola a Europa, levando a uma baixa de 25 milhões de pessoas – catástrofe que relembra o fim bíblico de Sodoma e Gomorra, e que a sociedade cristã procurou bodes expiatórios para pagar pelos pecados que trouxeram o mal de volta a Terra: os Judeus e os hereges, por propagar falsa religião, e os homoafetivos e adúlteros, pela prática da bestialidade. Na tentativa de erradicar esses três últimos grupos, leis severas foram criadas – incluindo a pena de morte, que durou, em Florença, por exemplo, mais de quatro séculos.

Bem mais tarde, o Romantismo vai intensificar o discurso do amor – inclusive do amor entre homens –, a sua expressão física era afastada com intensidade bem maior. Se os escândalos de Oscar Wilde foram visto por alguns como pervertidos e irracionais, do outro lado do Atlântico, no oeste americano, o desbravamento de novas terras aproximava os conquistadores, que tinham, como pano de fundo, um cenário natural, deserto e, muitas vezes, inóspito – semelhante, em parte, à Montanha Brokeback.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A primeira revolução sexual, para muitos historiadores (ESCOFFIER, 2003, p. 4-6), não se dá nos anos de 1960's, mas

8 Aqui parece-me que o processo de legitimação exerce uma força maior, através dos processos de (a) racionalização e (b) universalização. O conceito de "naturalidade" do sexo não procriativo torna-se, então, inconsistente.

data do período que se segue à Época Vitoriana, mais precisamente com a nova interpretação que Freud faz sobre a sexualidade humana – que efetiva-se, de fato, a partir da concepção de procriação, rotulando qualquer ato sexual que fugisse dessa finalidade como anormal e imoral.

Para a Psicanálise freudiana, a sexualidade apresenta-se como a dimensão mais ampla da experiência, presente em toda atividade humana: a forma como vamos ao encontro do outro, como nos relacionamos, como manifestamos nossos desejos, prazeres e formas de viver o masculino e o feminino (FREUD, 1996a). Por sua vez, a Linguística se ocupa da língua, onde a(s) representação(ões) do mundo é(são) construída(s) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Aliar estes dois construtos teóricos poderia ser uma conjugação árdua, se pensássemos apenas na característica estruturalista da psicanálise, mas a prerrogativa freudiana de que sujeito e objeto se encontram imbricados na análise psicanalista, no entanto, questiona essa posição estruturalista. Assim, se é verdade que a(s) afinidade(s) entre a Linguística Crítica e a Psicanálise não chegam a possibilitar uma fusão entre essas disciplinas – um "sonho, [pois] ainda que perpassada de aberturas, a parede permanece intacta" (ARRIVÉ, 1994, p. 132) –, também é verdade que, na porosidade dessas aberturas, prolifera-se a produtividade dos Estudos Críticos da Linguagem.

2.1 Sexualidade humana e a questão do afeto

Para Freud (1996a), a maioria dos fenômenos reprimidos estava relacionada a conflitos de ordem sexual, e, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, apresenta um estudo sobre a homossexualidade (tratada no texto como "inversão sexual"), afirmando que trata-se de um comportamento, inclusive, que acontece em número "bastante considerável" de pessoas. Ele classifica a inversão sexual em três tipos: (1) os invertidos absolutos, cujo objeto do desejo identifica-se sempre com o seu próprio sexo biológico; (2) os anfígenos (ou hermafroditas sexuais), quando se desenvolve o desejo por ambos os sexos – o que suprime da inversão o caráter de exclusividade; e (3) os invertidos ocasionais,

quando o desejo surge a partir de condições externas ao indivíduo. Com isto, ele propõe um novo olhar para a questão da homoafetividade através de duas formulações. Primeiro, ele nega que a inversão seja uma degeneração, explicando que esta última é encontrada "em pessoas que não exibem nenhum outro desvio grave da norma [e com elevados] desenvolvimento intelectual e cultura ética" (FREUD, 1996, p. 131). Depois, ele retira o caráter genético, baseando-se nos dois últimos tipos da classificação supracitada. Trata-se, então, de "um caráter *adquirido* da pulsão sexual" (FREUD, 1996, p. 132, itálico no original), que, para ele, poderia ser "eliminad[o] pela sugestão hipnótica, o que seria assombroso numa característica inata".

Na tentativa de escapar daquilo que ele chama "opinião popular", Freud (1996, p. 134) parte dos conhecimentos anatômicos acerca do hermafroditismo para mostrar o quanto a divisão homem/mulher de base puramente genética é insuficiente dizendo que "a ciência [...] conhece casos em que os caracteres sexuais parecem confusos e é portanto difícil determinar o sexo [...]. A genitália dessas pessoas combina caracteres masculinos e femininos. Em casos raros os dois tipos de aparelho sexual coexistem plenamente desenvolvidos (hermafroditismo verdadeiro), porém com muito mais frequência acham-se ambos atrofiados".

Damiani *et al.* (2005,p. 79) trazem um novo dado a essa discussão: o caso dos "homens XX", condição clínica descrita em 1964 por De La Chapelle, onde indivíduos do sexo masculino possuem fenótipo masculino, mas a ausência do gene SRY (*Sex-determining Region of the Y chromosome*). Os autores apontam para o fato de ser um fenômeno raro, visto que, em trinta anos de pesquisa, foram relatados apenas três casos no Brasil, corroborando, assim, a ideia de Freud de que a questão genética, *per se*, parece não ser o suficiente para se estabelecer a distinção entre homem/masculino e mulher/feminino. Esses dados realçam o fato de que "a inversão e o hermafroditismo [são] independentes entre si" (FREUD, 1996, p. 134). Acrescenta, ainda, que, no que se refere à questão comportamental, não há como se imaginar que a pessoa homoafetiva deva, obrigatoriamente, assumir o estereótipo do sexo biológico oposto ao seu, quando diz que "uma grande parcela de invertidos masculinos preserva o caráter

psíquico da virilidade, traz[endo] relativamente poucos caracteres secundários do sexo oposto e, com efeito, busca[ndo] em seu objeto sexual traços psíquicos femininos" (FREUD, 1996, p. 136).

Ao explicar a questão da orientação sexual, Freud utiliza-se de duas perspectivas. A primeira é construída a partir de comprovações históricas, quando, entre os gregos, o que atraía nos efebos não era a sua masculinidade, mas exatamente o oposto, a "sua semelhança física com a mulher, bem como seus atributos anímicos femininos: a timidez, o recato e a necessidade de ensinamentos e assistência. Mal se tornava homem, o efebo deixava de ser um objeto sexual para o homem, e talvez ele próprio se transformasse num amante de efebos" (FREUD, 1996, p. 137). Nestes casos, não se trata de comportar-se como o indivíduo do sexo oposto, mas sentir desejo por outra pessoa do mesmo sexo que apresente características do sexo oposto. A segunda perspectiva, pautada em seus estudos clínicos, é apresentada numa extensa nota de rodapé, onde ele diz que todos os invertidos estudados criaram um forte vínculo materno que os identificou à figura da mulher, fazendo com que, superada essa fase, identificassem-se "com esta figura e toma[ssem] a si mesmos[9] como objeto sexual, [desejando] homens jovens e parecidos com a sua própria pessoa, a quem deveriam amar tal qual a mãe os amou" (FREUD, 1996, p. 137). Dessa forma, Freud (1996, p. 137) afirma que "o problema da inversão é sumamente complexo e inclui tipos muito diversificados de atividade e desenvolvimento sexuais" exatamente porque envolve uma inversão ora no sujeito (que deseja) ora no objeto (que é desejado); e o sujeito, enquanto indivíduo que se constrói pelas/nas relações pode transitar entre esses modelos de inversão, bem como que os conceitos de masculino e feminino são construídos a partir dos sentidos de atividade e passividade, respectivamente.

Para Freud (1996, p. 207-208), como "toda pulsão é ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo", a sexualidade humana se constitui nessa constante fluidez entre a atividade e a passividade, e a conduta sexual leva em consideração aspectos constitucionais e acidentais que, segundo o autor, não podem ser categorizados com significativa precisão. Entre os homoafetivos, os aspectos constitucionais mais comuns são, geralmente, arcaicos

9 A este fenômeno Freud refere-se como "narcisismo".

e primitivos, como, por exemplo, a escolha narcísica do objeto e a importância erótica da zona anal. Entre os aspectos acidentais mais frequentes está a carência de uma figura paterna forte e presente. Assim, enquanto ciência e prática social, a Psicanálise

> opõe-se com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular [posto que] todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumaram no inconsciente. [Ela] considera, antes, que a independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos [...] é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolvem-se tanto o tipo normal como o invertido. [P]ortanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento (FREUD, 1996, p. 137-138).

Afeto e sexualidade fundem-se em fenômenos psíquicos que se manifestam através das emoções, dos sentimentos e das pulsões, tanto associados a impressões positivas (prazer, satisfação, agrado, alegria etc.) quanto a impressões negativas (dor, insatisfação, desagrado, tristeza etc.). Também a raiva, o medo, a dúvida, entre outros, são sensações experimentadas no ato de existir. A Psicanálise freudiana nos mostra como identificar a relação entre os afetos e os recalques estabelecidos e como a língua é fundamental nesta relação. Mas, para Beividas (2006, p. 394), com "o advento da psicologia, o conceito de paixão" – que já existia no campo filosófico, mas que pouco aparecera nos estudos freudianos – "teve de disputar espaço com afeto, [...] sentimentos, emoção, etc.".

Piaget e Wallon (*apud* DANTAS, 1992), por exemplo, acreditam que a afetividade permite ao ser humano relacionar-se com outro ser ou com outro(s) objeto(s). Esta, que pode ainda ser considerada o laço criado entre humanos, não se limita a características sexuais, mas, também, a sentimentos de amizade, confiança, cumplicidade, companheirismo etc. Para Piaget (DANTAS, 1992), o componente cognitivo e o componente afetivo, atuando paralelamente, influenciam no desenvolvimento intelectual. Mais precisamente, Wallon (2005) divide o afeto em (1) emoção, que é o componente corpóreo-motor revelado pelos gestos e expressões

e (2) sentimento, que é o componente cognitivo representacional. Nestas correntes psicológicas, o termo "afetividade" é utilizado para designar a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Tem, por constituinte fundamental, um processo cambiante no âmbito das vivências do sujeito, em sua qualidade de experiências agradáveis ou desagradáveis. Mesmo ciente de que as teorias piagetiana e walloniana são psicogenéticas e não sociocultural como a de Vygostsky, entender essa dimensão do afeto interessa a este estudo, pois mostra uma característica de dinamicidade que está de acordo com a fluidez com a qual tratamos as identidades representadas.

Assim, considero que o desenvolvimento da afetividade e o da sexualidade estão intimamente relacionados: ambos construídos pela cultura, ambos fatores socioculturais. Ou seja, contribuem para a construção da homoafetividade e da singularidade de cada pessoa, formam-se a partir das vivências de autopercepção e reconhecimento do corpo, vivências que fazem parte da vida do ser humano desde o seu nascimento e se estendem por toda a vida. A homoafetividade e a heteroafetividade são constituídas através das pulsões; elas se materializam nas projeções em que nos imaginamos com o outro e nas projeções que o(s) outro(s) faz(em) de nós, ou melhor, nos processos de representação.

2.2 Transitividade, literatura e representações sociais

Para Halliday (2002, p. 235-237), a língua não é um sistema autônomo (como entendida pelos gerativistas, por exemplo), mas um fenômeno que deve ser pensado a partir de seus contextos de cultura (ambiente para o conjunto total das opções de uma determinada língua) e de situação (ambiente imediato de qualquer seleção particular efetuada dentro dessas opções), daí a importância de se entender o sentido de gramática em sua teoria. Estabelecendo a distinção entre os termos "grammar" e "grammatics", ele relaciona o primeiro a um dos estratos, a lexicogramática, que, junto da semântica e da fonologia, compõe a língua. Por outro lado, "grammatics" é teoria gramatical adotada para interpretar os fenômenos linguísticos realizados pela gramática (grammar).

Trata-se de "uma relação proporcional simples, a teoria gramatical (grammatics) está para a gramática (grammar) assim como a teoria linguística (linguistics) está para a língua (language)".

A Gramática Sistêmico-Funcional. Doravante GSF, destaca três funções básicas da linguagem: a (1) interpessoal, a (2) textual, e a (3) representacional, que ele prefere chamar de ideacional. Embora essas três funções ocorram simultaneamente (EGGINS, 2004, p. 206), a possibilidade de estudá-las separadamente visa atender a propósitos metodológicos e pedagógicos, pois cada uma delas realiza um tipo de significado diferente. O significado ideacional é realizado (a) pelos significados experienciais/representacionais, que por sua vez são realizados pela lexicogramática de transitividade (sistema de transitividade), e (b) pelos significados lógicos, realizados pela lexicogramática das relações táticas e lógico-semânticas.

A transitividade realiza-se, lexicogramaticalmente, ao se evidenciarem as figuras experienciais através de (a) *Processo*, realizado, por sua vez, pela classe 'grupo verbal' (o elemento central do sistema de transitividade, pois é em torno dele que os Participantes e as Circunstâncias se aglutinam); (b) *Participantes*, realizados pela classe 'grupo nominal'; e (c) *Circunstâncias*, realizadas pela classe 'grupo adverbial' ou 'frase preposicionada'. Enquanto os dois primeiros elementos da figura são obrigatórios, o último é de ocorrência facultativa. A relação entre os três elementos se dá como realização da variável do contexto de situação (social) denominada 'campo' e é, "provavelmente, universal em toda a linguagem humana" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 177) e tem a finalidade de construir "uma relação de sentido entre a palavra e o que ela significa" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 169). Há, na GSF, três tipos de processos principais: Material, Mental, Relacional (presentes desde o inicio de nossa infância e que nos permite distinguir os fenômenos sociais dos processos psícos relacionados à fantasia e à imaginação) e três tipos de processos que ocupam uma posição intermediária: Comportamental, Verbal e Existencial". Essa divisão dos Processos se justifica pelo fato de que o primeiro grupo apresenta características claramente distintivas, enquanto os traços daqueles que ocupam a posição intermediária não são claramente distintivos,

tornando-se uma subcategoria, por assimilar características dos que lhes estabelecem limites. O quadro abaixo mostra os tipos de Processos e os Participantes que podem estar envolvidos em cada um deles:

Quadro 1 – Tipos de Processo e seus Participantes

Tipo de Processo	Categoria de significado	Participantes diretamente envolvidos	Participantes indiretamente envolvidos
material: ação evento	"Fazer" 'fazer' 'acontecer'	Ator. Meta	Recebedor. Cliente; Iniciador: Atributo
comportamental	'comportar-se'	Comportante	Comportamento
mental: percepção cognição desideração emoção	'perceber' 'ver' 'pensar' 'esperar' 'sentir'	Experienciador. Fenômeno	
verbal	'dizer'	Dizente. Alvo	Receptor: Verbiagem
relacional atribuição identificação	'ser' 'atribuir' 'identificar'	Portador. Atributo Identificado. Identificador	Atribuidor. Beneficiário Designador
existencial	'existir'	Existente	

Fonte: HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 176 *apud* PEREIRA, 2010, p. 24.

Analisando *The Inheritors*, de William Golding, Halliday (2002) discute os padrões de transitividade encontrados na obra, a partir de Processos, Participantes e Circunstâncias que ocorrem em orações de trechos selecionados, e conclui que o mundo é controlado por sociedades mais evoluídas, visto a baixa ocorrência de causalidade nos processos que envolvem as tribos menos evoluídas, que demonstram não saber como controlar o mundo que os cerca. A partir desta análise, a violência e a intolerância da obra se diluem nas próprias escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor, pois "não existe uma razão *a priori* para que a experiência do mundo seja estruturada de uma forma e não de outra" (HALLIDAY, 2002, p. 119). Suas conclusões baseiam-se na análise das microcategorias lexicogramaticais (as funções estruturais/config-

uracionais) que realizam as três metafunções da GSF. De acordo com a análise, ele dividiu a obra em três passagens, denominadas A, B e C, cada uma delas contendo um "padrão" lexicogramatical próprio.

Dessa forma, o pensamento sistêmico-funcional entende que a língua não é formada apenas por sistemas gramaticais, mas também por sistemas de contexto social, sistemas de significados e sistemas de expressão, formando uma grande rede onde possibilidades se configuram na composição dos discursos. A estrutura final de um discurso deriva de uma seleção de termos escolhidos a partir de nossas intenções comunicativas (e de maneira não-arbitrária), a fim de que ele aja sobre o mundo que nos cerca.

Além da perspectiva fornecida pela transitividade, utilizo-me, também, do conceito de representação social oferecido por Moscovici (1973, p. xiii) que diz tratar-se de "um sistema de valores, ideias e práticas com uma função dupla: [...] permitor aos indivíduos se posicionarem no mundo material e social no qual estão inseridos e, apreendê-lo; [e] permitir a comunicação entre membros de uma comunidade, através de códigos que permitam [...] a nominalização e classificação precisas dos vários aspectos desta comunidade e da história de seus indivíduos e grupos. Ou seja, é através das Representações Sociais que captamos os sentidos do mundo e interagimos com os outros indivíduos. Para Moscovici (1998; 2009), as Representações Sociais têm como função primordial tornar conhecido aquilo que ignoramos, e que, por isso, constitui uma ameaça à realidade socialmente construída.

As representações sociais do homem e da mulher, por exemplo, dão-se por vários fatores sociais. Desde o nascimento, a família estabelece códigos que vão orientar a diferenciação dos sexos: tipos de cuidados, vestimentas, brinquedos, etc. Dessa forma, o 'eu' que representamos expressa, de fato, a nossa identidade, ou seja, existe uma relação direta – e, existindo, é imutável e essencial – entre a nossa identidade sexual, por exemplo, e a representação desta identidade? É possível imaginar que, ao adotar determinados comportamentos, esperando respostas que confirmem determinadas identidades, compartilham-se sentidos que constituem nossas identidades e, neste processo de representação, é que surgem os estereótipos e, com eles, os processos de

exclusão. Essa realidade intersubjetiva que se forma através da representação social implica, obrigatoriamente, certo agenciamento do sujeito (ainda que) sob uma influência social. Isto quer dizer que, se por um lado as representações sociais convencionam e contextualizam objetos, pessoas e eventos, por outro lado, uma vez fixadas, essas representações influenciam o comportamento humano e a interação social, geralmente nos impelindo ao(s) seu(s) significado(s), limitando o nosso potencial sócio cognitivo – o que as torna, também, prescritivas, coercitivas e partícipes da consciência coletiva[10]. Mediante o exposto, antecipo-me em responder à pergunta que inicia este parágrafo afirmando que não existe uma relação precisa e essencial entre uma identidade e sua representação, visto que representar implica produzir sentido através de "atributos, valores, funções e condutas [já estabelecidas] em uma determinada cultura" (GOMES; NASCIMENTO; REBELLO, 2008, p. 1). Para Moscovici, então, as representações sociais são, ao mesmo tempo, processo e resultado da construção social da realidade, constituindo-se como um elo agregador entre as aparentes incompatibilidades entre as áreas da Linguística e da Psicanálise questionadas na seção anterior. Enfim, de pressupostos da psicanálise freudiana, aponta-se a transitividade na língua para alcançar a representação da homoafetividade nos *cowboys* Ennis Del Mar e Jack Twist, na obra "*Brokeback Mountain*".

3 GERAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Brokeback Mountain se tornou conhecido no Brasil através do filme homônimo, mas a escolha pelo conto se dá pela oportunidade de trazer ao conhecimento mais amplo desta obra literária da Literatura Norte-Americana, daí a opção de trabalhar com a obra original e não sua tradução. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza qualiquantitativa e com uma abordagem dedutiva-indutiva, pois observo as ideologias externas ao texto (por exemplo, a representação que se tem da masculinidade e da feminilidade) e implícitas nele.

Foi utilizada a última versão do *software Wordsmith Tools*

10 Atento para o fato de que toda a construção do pensamento de Moscovici é parte da teoria durkheimiana e a substituição dos termos coletivo por social atualiza terminologicamente seu trabalho, mas não chega a propor grande alteração semântica.

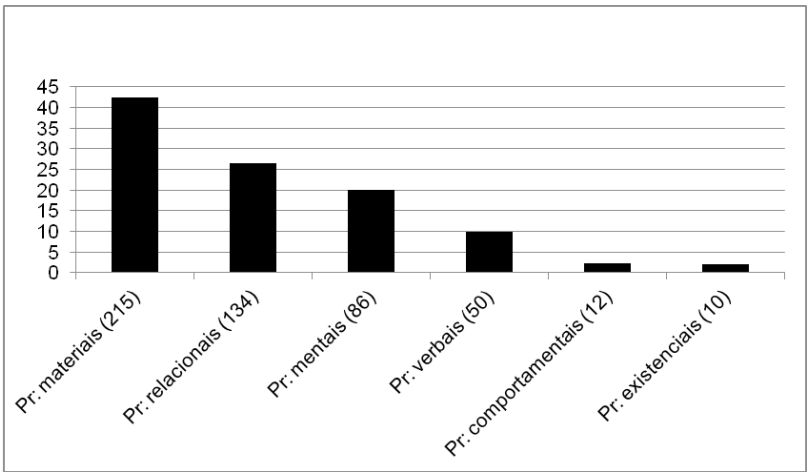
(v. 5.0), que gerou, inicialmente, uma lista de 10.686 palavras, realizadas através de 2.419 itens lexicais, que se repetiam entre 1 (a contração *you've*, por exemplo) até 624 vezes (o artigo *the*). A possibilidade desta ferramenta em gerar cruzamentos de itens lexicais a partir de escolhas previamente feitas (neste caso, a escolha dos personagens do conto e suas respectivas esposas) resultou no *corpus* da pesquisa que deu origem a este artigo: 507 orações que foram categorizadas e analisadas individualmente (Gráfico 1). A categorização do *corpus*, segundo o Sistema de Transitividade, permitiu-me identificar quatro instâncias representativas da homoafetividade na obra, constituídas pelas escolhas lexicogramaticais que a autora faz do potencial de significados da língua inglesa, sem perder de vista o contexto sociocultural da obra. Assim, pude inferir, a partir dessas escolhas, como a representação da homoafetividade se constitui na obra, a partir da sexualidade humana, na perspectiva freudiana. Este artigo apresenta duas dessas instâncias: a contraposição entre (a) descrições (físicas e de atividades) atribuídas a papéis masculinos e femininos e (b) de desejos latentes, ora consumidos, ora reprimidos que parecem, nem sempre, corresponder às descrições físicas atribuídas aos personagens.

Ferreira situa "a problemática [...] da representação social" entre instâncias linguísticas, sociais, histórico-políticas e geográficas da vida humana, e distanciando-se de uma pressuposta verdade segundo a qual o discurso acadêmico é estritamente objetivo, cita Bourdieu (1984 *apud* FERREIRA, 2011, p. 165) para quem "a dificuldade da *escritura* científica [...] incita o leitor a mergulhar em suas experiências e trazer informações do saber comum ao científico" – esforço empreendido, muitas vezes, através de exemplificações, que imprimem subjetividade no discurso científico. A autora continua, dizendo que, mesmo sem utilizar-se da exemplificação, a subjetividade não se afasta do discurso científico, manifestando uma sensibilidade[11] que, para Rajagopalan (2003, p. 31), significa lamentação e desejo; lamentação porque qualquer tentativa de a representação alcançar a essência do representado é – inclusive teoricamente – impossível, e de-

11 Em nota, a autora descreve a dificuldade de definir o que seja 'sensível', pois é algo que ultrapassa o gostar, desejar, frustrar-se, sofrer, perpassando outros fenômenos como escolhas, dores, sorrisos, lamentos, buscas etc.

sejo porque é uma atividade contínua, incansável, mesmo reconhecendo sua impossibilidade, tornando-se "a lamentação de um desejo não-realizado" (FERREIRA, 2011, p. 166).

Gráfico 1 - Frequência em números absolutos (entre parênteses) e percentuais dos tipos de Processos encontrados no *corpus*



Fonte: LINS JR., 2012, p. 112.

Em conformidade com Halliday (2002, p. 119-120), afirmo que o tema do conto "*Brokeback Mountain*" – numa perspectiva sistemicista – é transitividade, pois trata da interpretação que Ennis del Mar e Jack Twist fazem de suas experiências afetivas: como eles compreendem, aceitam e rejeitam sua homoafetividade, a partir dos Processos nos quais eles próprios são Participantes. Isto tem a ver com o fato da homoafetividade ter sido pensada, por muito tempo – e ainda o é –, numa perspectiva dualista a partir da representação masculino/feminino imposta por uma sociedade heteronormatizada que se consolidou como tal, sobretudo, a partir da conversão judaico-cristã do Ocidente, o que favoreceu a concepção das relações afetivas como pura atração sexual, denominando os amantes como homo/heterossexuais. Falar em homoafetividade implica falar de (1) pessoas (2) que (se) desejam e (3) têm os mesmos direitos que quaisquer outras pessoas heteroafetivas, pois não é o aparelho reprodutor

nem papéis – 'pré-concebidos' – que devem imprimir o valor do ser humano. Assim, como veremos na análise a seguir, nem a hetero nem a homoafetidade, nem tampouco suas representações (pela impossibilidade, como vimos de uma representação que abarque toda a coisa representada), são, por assim dizer, atos consumados, mas algo que se constrói continuamente no fazer-se enquanto pessoa (e com pessoas). Trata-se, portanto, da "meta-representação" proposta por Ferreira (2011, p. 167), ou seja, "o mundo numenal – as coisas em si, a realidade – são impossíveis de se manifestar, ficando as coisas tal como são apreendidas; e nessa apreensão o que fica é a apresentação de uma representação, já que a realidade numenal está fora do tempo, está nas profundezas do ser inacessível ao saber científico". Mas enquanto busca, o desejo de representação da homoafetividade não pode deixar de existir – nem lamentar-se –, principalmente, no momento em que se percebe, no Brasil, um deslocamento da heteronormatividade (injustamente) estabelecida, através das novas conquistas dos indivíduos homoafetivos. Não se trata de estabelecer novas categorias de sexualidade, mas de analisar a representação da homoafetividade no conto "*Brokebak Mountain"*, na defesa da constituição de uma identidade sexual livre de "pré"-conceitos, ou, como diz Costa (1994, p. 121), "continuar discutindo sobre "homossexualidade", partindo da premissa de que todos somos "por natureza heterossexuais, bissexuais e homossexuais", significa tornar-se cúmplice de um jogo de linguagem que se mostrou violento, discriminador, preconceituoso e intolerante, pois levou-nos a crer que pessoas humanas como nós são "moralmente inferiores" só pelo fato de sentirem atração por outras do mesmo sexo biológico".

Passo, agora, à discussão da representação da homoafetividade no conto, a partir dos Processos nos quais Ennis e Jack são Participantes. Esta primeira temática, '**Pseudo-Descrições: Representações Traiçoeiras**', concentra os dados que imprimem aos personagens atributos socialmente determinados em função do sexo biológico. Nas análises a seguir, discuto como essas representações tendem a manter estáveis essas construções sociais que atribuem à figura masculina força, coragem, raciocínio e à figura feminina a sensibilidade e o corpo enquanto objeto de atenção.

Na descrição física dos personagens, por exemplo, a autora deixa claro que a representação da homoafetividade se dá a partir de uma concepção dualista de masculino/feminino construída socialmente. Os atributos associados a cada um desses opostos vão direcionar os personagens a uma visão estereotipada de sua homoafetividade e vão posicioná-los em papéis que representem essas oposições, mesmo se tratando de duas pessoas do sexo (biológico) masculino. Vejamos a descrição de Jack em relação à de Ennis:

> ...|||Jack *(Portador)* **seemed** *(Processo1 relacional atributivo intensivo)* fair enough *(Atributo: descrição)* with his curly hair and quick laugh *(Circunstância do Processo1: causa: razão)*, ||but for a small man *(Circunstância do Processo2: modo: comparação)* he *(Portador)* **carried** *(Processo2 relacional atributivo possessivo)* some weight *(Atributo de posse: descrição)* in the haunch *(Circunstância: localização: lugar)* ||and his smile *(Ator)* **disclosed** *(Processo3 material)* buckteeth *(Meta)*, ||but noticeable *(Atributo: qualidade)*. |||He *(Portador)* **was** *(Processo relacional atributivo intensivo)* infatuated *(Atributo: qualidade)* with the rodeo life *(Circunstância: assunto)* ||and he *(Portador)* **was** *(Processo relacional atributivo intensivo)* crazy [[**to be** somewhere, anywhere else than Lightning Flat]] *(Atributo: qualidade)*...
> ...|||Ennis *(Portador)*, <<high-arched nose and narrow face *(Atributo de posse: descrição do Processo2 elidido)*,>> **was** *(Processo1 relacional atributivo intensivo)* scruffy and a little cave-chested *(Atributo: descrição)*, ||**balanced** *(Processo3 relacional atributivo possessivo)* a small torso *(Atributo de posse: descrição)* on long, caliper legs *(Circunstância: localização: lugar)*, ||**possessed** *(Processo4 relacional atributivo possessivo)* a muscular and supple body [[**made** for the horse and for [[**fighting**]]]] *(Atributo de posse: descrição)* |||. |||His reflexes *(Portador)* **were** *(Processo5 relacional atributivo intensivo)* uncommonly quick *(Atributo: qualidade)*...
> ...|||Ennis *(Portador)* **had** *(Processo6 relacional atributivo possessivo)* a good raspy voice (*Atributo de posse: descrição*)...

Os Processos relacionais realizam definições, classificações das experiências do mundo; assim, parece haver uma apropriação de Jack a características femininas através da ênfase dada às características de beleza tanto pelo adjetivo '*fair*' (belo) e pela locução adjetiva '*some weight in the haunch*' (cadeirudo), quanto pelos adjetivos associados a estados mentais de emoção: '*infatu-*

ated' (apaixonado) e '*crazy*' (louco por). Quanto a Ennis, além de características associadas à virilidade, como em '*body made for the horse and fighting*' (um corpo feito pra montaria e pra brigar) e um afastamento de características que denotem zelo e preocupação com o visual, como em '*scruffy*' (desgrenhado), grande parte dos Processos relacionais são possessivos, o que realça a função de Ennis como proprietário – o que não é percebido em Jack. Como já vimos, a questão da atividade e passividade referia-se, nas sociedades antigas, muito mais à questão de ordem socioeconômica do que da relação masculino/feminino: o ativo era aquele que provinha, de alguma forma, o passivo. Na relação entre Ennis e Jack, o fator socioeconômico não era o diferencial para um deles, porém, a autora deixa claro, através de suas escolhas lexicogramaticais, que Ennis deveria ser aquele que tomaria a posição do ativo na relação. E, em relação a essa posição, o personagem, através de Processos mentais, questiona a própria questão da sensibilidade:

> ...|||"**Doubt** (Oração projetante com *Processo1 mental: cognição)* ||I *(Experienciador)* '**ll feel** *(Processo2 mental: percepção)* nothing *(Fenômeno)*". |||But he *(Ator)* **staggered** *(Processo3 material)* under canvas *(Circunstância: localização: lugar)*, ||**pulled** *(Processo4...)* his boots *(Meta)* off *(...material)*, ||**snored** *(Processo5 comportamental)* on the ground cloth *(Circunstância: localização: lugar)* for a while *(Circunstância: extensão: duração)*, ||**woke** *(Processo6 material)* Jack *(Meta)* with the clacking of his jaw *(Circunstância: modo: meio)* |||...

Os Processos mentais aqui expressos denotam um questionamento do "sentir" tanto na oração projetante "duvidar" quanto na oração projetada, que é uma negação dessa sensibilidade, no caso, o frio da montanha. O último Processo material coloca Jack como Participante Meta – aquele para quem a ação é direcionada e que sofre a partir de um processo mental perceptivo (ouvir) deduzido exoforicamente, pois acordar com o bater do dente pressupõe ouvir tal barulho. Por fim, essa dedução se apoia no Processo Comportamental realizado por '*snore*' (roncar). Não se discute que, ao longo da história, a representação da masculinidade reuniu "um conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se espera que um homem tenha em determinada cultura" (GOMES; NASCIMENTO; REBELLO, 2008). O Processo

material realizado por Ennis – reafirmado por Jack num Processo relacional – ilustra essa perspectiva:

> ...|||"I *(Ator)* **can't cook** *(Processo1 material)* a worth a shit *(Meta)*. ||| Pretty good *(Atributo: qualidade)* with a can opener *(Circunstância: modo: meio)*"|||...
> ...|||"**Can't be** *(Processo1 relacional atributivo intensivo)* no worse [[than me, then."]] *(Atributo: qualidade)*|||...

Assim, a "masculinidade [é] um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados" (GOMES, 2008, p. 70). Pelo que foi exposto nessa primeira temática, pode-se deduzir, então, que a homoafetividade é representada, no conto com base na dicotomia masculino/feminino e nas características atribuídas às oposições dessa dicotomia. Neste sentido, a autora não permite uma ruptura para a construção da identidade sexual – e o faz através de uma representação da homoafetividade estereotipada através de papéis sexuais vinculados ao masculino e ao feminino construídos socialmente.

A segunda instância temática, '**O Outro Desejado: (Des) Encontros**', leva em consideração que, para Freud (1996, p. 137), o desejo pode ser explicado de duas formas. Primeiramente, como uma projeção de características atribuídas ao sexo oposto no objeto desejado – falamos, então, do caráter sexual do desejo –, como percebido através desta realização de Ennis em relação a Jack:

> …||and Ennis *(Dizente)*, <<not big on endearments *(Atributo: qualidade)*,>> **said** *(Processo1 verbal projetante da locução→)* ||what *(Verbi…)* he *(Dizente)* **had said** *(Processo2 verbal)* to his horses and daughters *(Receptor)*, little darling *(…agem)*|||…

Ennis compara o sentimento pelo companheiro ao que tem por suas filhas (referindo-se à fragilidade delas e necessidade da figura masculina que esta fragilidade requer). Essa projeção de atributos 'femininos' a Jack se repete em outros momentos do conto:

> …|||Ennis *(Ator)* **put** *(Processo1 material)* his arm *(Meta)* around Jack *(Circunstância: localização: lugar)*, ||**pulled**

(Processo2 material) him *(Meta)* close *(Circunstância: localização: lugar)*, […]. |||Jack *(Ator)* **slid** *(Processo3 material)* his cold hand *(Meta)* between Ennis's legs *(Circunstância: localização: lugar)*…,

Onde Ennis realiza o papel do protetor e Jack, o de que aceita tal proteção. Ao realizar o último Processo do fragmento acima, Jack concretiza aquilo que seria uma segunda forma de explicar o desejo homoafetivo, na visão freudiana: deixando-se ser abraçado e protegido por Ennis e escorregando sua mão por entre as pernas do companheiro, assume uma atitude considerada passiva, historicamente atribuída à figura feminina. Que o desejo existe por parte de ambos os personagens não se questiona, mas a maneira como esse desejo é representado é o que torna a argumentação significativa. No fragmento a seguir, a afetividade é associada à atividade sexual – fato que se dá através das escolhas lexicogramaticais feitas pela autora. Trata-se da primeira conversa que eles têm, falando sobre interesses e relembrando suas infâncias:

…|||Ennis (Dizente) **said** *(Processo1 verbal projetante da locução→)* ||the kind of riding [[that **interested** him]] *(Portador)* **lasted** *(Processo2 relacional atributivo circunstancial)* longer than eight seconds *(Atributo: circuntancial)* ||and **had** *(Processo3 relacional atributivo possessivo)* some point (Atributo de posse: descrição) to it *(Circunstância: assunto)*…

Numa abordagem indutiva, a partir das orações seguintes, parece que o sexo para Ennis é algo distinto do sentimento –

…||**got to his knees** *(Processo1 material)*, ||**unbuckled** *(Processo2 material)* his belt *(Meta)*, ||**shoved** *(Processo3 material)* his pants *(Meta)* down *(Circusntância: localização: lugar)*, ||**hauled** *(Processo4 material)* Jack *(Meta)* onto all fours *(Circunstância: localização: lugar)* ||and, with the help of the clear slick and a little spit *(Circunstância: modo: meio)*, **entered** *(Processo5 material)* him *(Meta)*…
…|||They *(Ator)* **went** *(Processo material)* at it *(Circunstância: localização: lugar)* in silence *(Circunstância: modo: qualidade)* except for a few sharp intakes of breath *(Circunstância: contingência: falta)*…
…|||Ennis *(Experienciador)* […]**thought** *(Processo1 mental: cognitive projetante do hiperfenômeno →)* ||he (Portador) '**d** *(Processo2…)* never **had** *(…relacional*

atributivo possessivo) such a good time *(Atributo de posse: qualidade)*, ||**felt** *(Processo3 mental: emotivo projetante do hiperfenômeno →)* ||he *(Ator)* **could paw** *(Processo4 material)* the white *(Meta)* out of the moon *(Circusntância: localização: lugar)*…

Em que, durante o ato sexual nada de consciente é percebido, apenas Processos materiais que se referem a atitudes sexuais instintivas, não se percebendo nem a realização de processos verbais. Assim, como demonstrado nesta análise – e contradizendo qualquer tentativa de categorizar a língua como algo fixo ou universal – os discursos literários (ou não) têm a capacidade de traduzir não apenas uma, mas várias ideias a partir de suas representações, pois a propriedade semântica da língua é indômita, no sentido de que a palavra é, de fato, polissêmica.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Transitividade nos mostrou como a língua pode reproduzir/manter ideologias que tendem a manter estáveis as relações sociais – pois qualquer mudança em relação a essa estabilidade é uma ameaça à(s) hegemonia(s) que a sustenta(m). Ao mesmo tempo, a Transitividade nos permite ver que essas relações não são naturais, não existem aprioristicamente às próprias relações humanas; elas são construídas na sociedade e construtoras dessa mesma sociedade. Esse caráter (dinâmico-)social da língua permite (res)significar esses construtos ideológicos, sem tornar, necessariamente, a "suposta ameaça" uma coisa negativa. Falamos, então, da língua como instrumento que pode manter ou alterar a realidade, posto que esta depende do agenciamento dos seus usuários. Refiro-me a agenciamento porque, até para manter a estabilidade, posicionamo-nos enquanto Participantes do(s) Processo(s) – não agir (querer/poder/desejar/falar em) é, portanto, uma forma de agir à qual estamos posicionados. Em "*Brokeback Mountain*", a representação da homoafetividade dá-se numa perspectiva dinâmica, ora refletindo uma construção heteronormatizada que impõe papéis determinados aos sujeitos nela implicados ora libertando-a desta dicotomia masculino/feminino. A metáfora final do conto deixa isso claro, momento em que Ennis troca a posição das camisas que Jack havia deixado no cabide. O

cabide, sempre à vista permite a mudança na posição das camisas, da mesma forma que a palavra traz em si o dito e o não dito.

Com o resgate que a Psicanálise freudiana faz da cultura na constituição do indivíduo, essa ciência abre uma possibilidade de diálogo com outros campos do saber, sobretudo com outras subáreas das Ciências Humanas.

Representations of homoaffectivity in the short story "Brokeback Mountain": relevant (contra)dictions

Abstract: This article analyzes the representation of homoaffectiveness in Annie Proux´s short-story "Brokeback Mountain" (2005), based on Freud's (1996) theory of sexuality and on the concept of representation through transitivity (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) and Moscovici (1998; 2005), in order to show that literary speech as a representation of the homoaffectiveness can both enforce dominant relations imposed through the concepts of masculine/feminine in language and break with such relations, offering new possibilities of representation. It also forwards the notion that human sexuality is not restricted to the biological determinism of sex.

Keywords: Homoaffectiveness. Representation. Freud. Transitivity.

Referências

ARRIVÉ, M. *Linguística e psicanálise*: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros. Trad. Mário Laranjeira e Alain Mouzat. São Paulo: Edusp, 1994.

BEIVIDAS, W. O lugar de uma teoria do discurso na psicanálise (ou: um recado de Lacan). *Cadernos de Semiótica Aplicada,* Araraquara/SP, n. 2, p. 1-6, 2004.

BÍBLIA de Jerusalém. (Trad. Domingos Zamanga et al). São Paulo: Paulus, [1985] 2001. p. 31-36.

COSTA, J. F. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DAMIANI, D. et al. Homem XX: relato de três casos na faixa etária pediátrica. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*, São Paulo/SP, n. 1, Feb., 2005. p. 28-96.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: La Taille, Yves de et al. *Piaget, Vygotski, Wallon*. Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. New York/London: Continuum, 2004.

ESCOFFIER, J. The second sexual revolution. In: _____ (Ed.). *Sexual revolution*. New York: Avalon Publishing Group, 2003. p. 4-19.

FERREIRA, D. M. M. 'Meta-representação': representando a representação social e cultural. In: Carmo, C. M. do. *Textos e práticas de representação*. Curitiba: Honoris Causa, 2011. p. 165-188.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*: a vontade de saber. v. 1. 13. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras psicológicas completas*. Edição standard brasileira. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-265.

GOMES, Romeu. Sexualidade masculina, gênero e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GOMES, R; Nascimento, E. F. do; Rebello, L. E. F. de Souza. As representações da masculinidade e o ser homem. In: *Fazendo Gênero*, 8., 2008, p. 1-7.

GREENBERG, David A. *The construction of homossexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. Linguistic function and literary style: an inquiry into the language of William Golding's The Inheritors. In: Webster, J. (Ed). *Linguistic studies of text and discourse*. London and New York: Continuum, 2002. p. 53-87.

HALLIDAY, M. A. K.; Matthiessen, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

LINS Jr., J. R. F. "*I'm not no queer*": a representação da homoafetividade no conto Brokeback Mountain, de Annie Proulx. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012. 192p.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, Hobken/NJ, n. 3, p. 211-250, jul. 1998.

_____. *Representações sociais*: investigações em psicologia social. 6. ed. Petropólis: Vozes, 2009.

NAPHY, W. *Born to be gay*: história da homossexualidade. Lisboa: Edições 70, 2006.

PROULX, A. Brokeback Mountain. In: Proulx, A.; Mcmurtry, L.; Ossana, D. *Brokeback Mountain*. Story to screenplay. New York: Scribner, 2005. p. 1-28.

RAJAGOPALAN, K. *Uma linguística crítica*: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

RICHLIN, A. Not before homosexuality: the materiality of the *cinaedus* and the Roman law against love between men. *The Journal of the History of Sexuality*, Austin/TX n. 4,

p. 523-573, Apr., 1993.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*: Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa (4ª ed.). Petrópolis: Vozes, 1995.

WALLON, H. P. H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 2005.

WILLIAMS, C. A. *Roman homossexuality*: ideologies of masculinity in Classical Antiquity. New York: Oxford University Press, 1999.